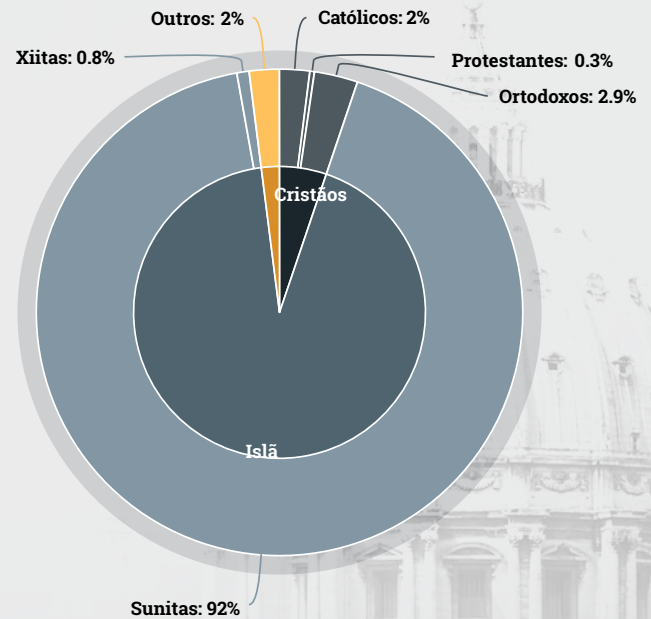


Síria



ANTECEDENTES

A Síria foi estabelecida como país pelo Mandato Francês para a Síria e o Líbano após o colapso do Império Otomano. O país obteve a independência em 1946. Multi-étnico e multi-religioso na sua composição demográfica, o país esforçou-se para encontrar um consenso nacional. Em 1970, o oficial do exército Hafez Al Assad, da comunidade alauíta, encenou um golpe de Estado contra o Governo da época. Tornou-se presidente e manteve-se nesse posto até morrer em 2000 e ser sucedido pelo seu filho Bashar. Em março de 2011, após manifestações contra o Governo, manifestantes e forças governamentais entraram em confronto. A violência culminou em uma guerra civil total após o verão de 2011, quando a oposição começou a tornar-se militarizada. Com a intervenção regional (Irã e Arábia Saudita) e das potências internacionais (EUA, Rússia), o conflito é considerado por muitos como uma guerra por procuração. Segundo as estimativas mais conservadoras, pelo menos 150 mil pessoas morreram, mas alguns sugerem que o número é superior a 400 mil. A maior parte das infra-estruturas do país foram destruídas. Como consequência da guerra, metade da população fugiu das suas casas, seja para lugares seguros dentro do país ou como refugiados para o estrangeiro. Na sua análise global de 2015, o Internal Displacement Monitoring Centre [Centro de Monitoramento do Deslocamento Interno] afirmou que a Síria tem “o maior número de deslocados internos do mundo”^[1] Em junho de 2016, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os

Refugiados (ACNUR) revelou que no final de 2015 um número recorde de 4,9 milhões de refugiados eram provenientes da Síria, mais de dois milhões acima do Afeganistão, que está em segundo lugar.^[2] Com o número de refugiados sírios aumentando quase um milhão no prazo de doze meses, a crise destacou repetidas tentativas falhas das Nações Unidas para juntar o Governo e a oposição e levá-los a encontrarem uma solução política para o conflito.

A maioria dos cidadãos da Síria são muçulmanos sunitas. Alauítas, cristãos e drusos foram acrescentados a este tradicional mosaico religioso do país. Desde 2011, a situação da liberdade religiosa declinou acentuadamente. Antes da guerra começar, os cristãos constituíam uma minoria significativa, pensando-se que seriam cerca de 10% da população. A maior parte destes cristãos são das Igrejas do rito oriental, como a Igreja Católica Greco Melquita. As Igrejas do país elogiaram a atmosfera de tolerância antes da guerra. Como os cristãos estavam concentrados em importantes zonas estratégicas afetadas pela guerra, fugiram das suas casas em grande número, tornando-se deslocados dentro da Síria ou procurando refúgio fora do país. Entre os grupos étnicos não árabes, os curdos são o grupo mais importante e aderem ao Islamismo sunita.

[1] <http://www.worldometers.info/world-population/syria-population/>

[2] OCHA, 31 de Dezembro de 2015 (<http://www.internal-displacement.org/middle-east-and-north-africa/syria/figures-analysis>)

DISPOSIÇÕES LEGAIS

De acordo com a Constituição da República (que apenas se aplica às áreas do Governo), o artigo 3º da Constituição da Síria,^[3] aprovada por referendo em 2012: “A religião do Presidente da República é o Islamismo. A jurisprudência islâmica deve ser a fonte principal de legislação. O Estado deve respeitar todas as religiões e garantir a liberdade para desempenhar todos os rituais que não prejudiquem a ordem pública. O estatuto pessoal das comunidades religiosas deve ser protegido e respeitado.” O artigo 8º proíbe a “realização de qualquer atividade política ou a formação de qualquer partido ou agrupamento político com base em razões religiosas, sectárias, tribais, regionais, de classe, profissionais, ou com base em discriminação baseada no sexo, origem, raça ou cor”. O artigo 33º (parágrafo 3) declara: “Os cidadãos têm direitos e deveres iguais, sem discriminação entre eles com base no sexo, origem, língua, religião ou credo.” O artigo 42º protege a “liberdade de crença de acordo com a lei”.

O Governo restringe o proselitismo e a conversão. O Governo proíbe a conversão de muçulmanos a outras religiões, uma vez que isso é contrário à sharia, e não permite a conversão do islamismo ao cristianismo, mas reconhece os cristãos que se convertem ao islamismo. O Código Penal proíbe “que se cause tensão entre comunidades religiosas”.^[4] O Código Penal da Síria prevê no artigo 462º que os indivíduos que difamarem publicamente os procedimentos religiosos são puníveis com dois anos de prisão.^[5]

As questões do foro pessoal, como o casamento e as heranças, são regulamentadas de acordo com a lei religiosa da comunidade a que um cidadão pertence. Os muçulmanos estão sujeitos à sharia, os cristãos e outras minorias religiosas, às respectivas leis da comunidade. Não há casamento civil. As mulheres muçulmanas não podem casar com homens não muçulmanos, mas é possível os homens muçulmanos casarem-se com parceiras de outra religião.

INCIDENTES RECENTES

Em setembro de 2014, o grupo autodenominado Estado Islâmico (EI) destruiu uma igreja armênia em Deir el Zor, uma cidade de maioria curda, que tinha sido tomada. Os restos mortais das vítimas do Genocídio Armênio eram guardadas nessa igreja. O Ministro das Relações Exteriores armênio, Edward Nalbandian, condenou a destruição da igreja como uma “barbárie horrível”.^[6]

[3] http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---ilo_aids/documents/legaldocument/wcms_125885.pdf

[4] <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper>

[5] <http://www.loc.gov/law/help/apostasy/syria>

[6] http://fides.org/en/news/36386-ASIA_SYRIA_The_jihadists_of_the_Islamic_State_destroy_the_memorial_church_of_the_Armenian_Genocide_in_Deir_el_Zor#.V01ZEPmLSM8

Em outubro de 2014, militantes ligados à Frente Al-Nusra raptaram um pároco católico, o Padre Hanna Jallouf, OFM e cerca de vinte pessoas de Knayeh, uma aldeia cristã no noroeste da Síria.^[7] O Custódio Franciscano da Terra Santa, que supervisiona as atividades católicas no país, anunciou mais tarde que o Padre Jallouf foi libertado, mas colocado em prisão domiciliária.^[8]

Em novembro de 2014, as restantes famílias cristãs em Raqqá foram forçadas a pagar a jizya, um imposto islâmico para não muçulmanos. Raqqá, a cidade do norte da Síria que se tornou no reduto do EI desde 2014, tem apenas vinte e três famílias cristãs, das 1.500 que viviam ali antes de começar o conflito sírio.^[9]

Em janeiro de 2015, estudantes universitários de uma área predominantemente alauíta de Homs foram alvo de um ataque terrorista que matou quinze pessoas e feriu pelo menos cinquenta, de acordo com um sacerdote sediado na cidade. O sacerdote jesuíta, Padre Ziad Hilal, disse à ACN que havia cristãos entre as vítimas, embora a rua al-Hadara seja uma área muçulmana alauíta.^[10]

Em fevereiro de 2015, o EI atacou as aldeias assírias cristãs do rio Khabur, na província nordeste de Jazira, levando milhares a fugirem. Cerca de 220 cristãos foram feitos reféns. Combatentes do EI foram afastados da região em maio de 2015.^[11] Em fevereiro de 2016, os restantes quarenta e três reféns assírios foram libertados. De acordo com a Igreja Assíria do Oriente, já não há assírios de Khabur reféns do EI.^[12]

Em março de 2015, o EI publicou um vídeo documentando a alegada “conversão” ao islamismo de um dos reféns assírios cristãos que tinha capturado nas aldeias assírias perto do rio Khabur, em fevereiro. No vídeo, um homem que se apresentava como assírio cristão da aldeia de Tel Temit e identificado com o nome de Sargon David, pronunciou a fórmula da “Shahada” para certificar a sua conversão ao islamismo. No vídeo, o homem dizia que tinha se convertido “voluntariamente” e apelava aos cristãos da Síria a fazerem o mesmo.^[13]

Em maio de 2015, o Padre jesuíta Jacques Mourad foi raptado juntamente com um colega. Eles estavam viajando em Qaryatayn quando duas motos se aproximaram do seu carro. Os raptadores tomaram o carro e raptaram o sacerdote jesuíta.

[7] <http://www.catholicnewsagency.com/news/franciscan-priest-christian-villagers-abducted-by-syrian-militants-26394>

[8] http://fr.custodia.org/default.asp?id=1019&id_n=27845

[9] http://fides.org/en/news/36768-ASIA_SYRIA_25_Christian_families_still_in_Raqqa_Obligation_to_pay_a_protection_tax#.V01CQfmLSM8

[10] <http://www.acnuk.org/news.php/542/syria-young-people-quotdeliberately-targetedquot-in-homs-bomb-blast#sthash.Um4qPtXO.dpuf>

[11] http://fides.org/en/news/37885-ASIA_SYRIA_The_jihadists_retreat_from_the_villages_on_the_river_Khabur_leaving_destroyed_crosses_and_vandalized_churches#.V001gvmLSM8

[12] <http://www.aina.org/news/20160222125248.ht>

[13] http://fides.org/en/news/37507-ASIA_SYRIA_The_Islamic_State_shows_a_video_of_an_Assyrian_Christian_who_convertted_to_Islam#.V007ZvmLSM8

Ele foi libertado em outubro de 2015.^[14]

Em junho de 2015, foi relatado que milícias jihadistas ligadas à Frente Al-Nusra tinham massacrado dezenas de civis drusos na aldeia de Qalb Loza, na área do Monte Simmaq, perto da vila de Idlib. Testemunhas oculares disseram à agência de notícias curda Ara que tinha acontecido uma execução em massa quando os combatentes invadiram a aldeia, ultrapassando a frágil resistência disponibilizada pelos drusos. A execução em massa aconteceu nos arredores da aldeia. De acordo com testemunhas, foi realizada com a intenção de espalhar o terror no resto da população civil. Para as milícias jihadistas que controlam grande parte do território sírio, os drusos são uma seita apóstata.^[15] Waleed Jumblatt, líder druso no Líbano, conseguiu mediar entre os dois grupos e a Al-Nusra atribuiu as mortes a soldados individuais e puniu os agressores.^[16]

Em julho de 2015, foi confirmado que o sacerdote melquita Antoine Boutros e o seu colaborador Said Al-Abdun tinham sido interceptados por um dos vários grupos rebeldes armados que estão na área da província de al-Suwayda. Os dois viajavam de carro da cidade de Shahba para Sama Hinadat, onde o Padre Boutros pretendia celebrar a liturgia dominical.^[17]

Em agosto de 2015, combatentes do EI demoliram o Mosteiro de Mar Elian, em al-Qaryatayn, perto de Homs. O mosteiro sírio católico tinha sido fundado no século V. O EI colocou online uma série de imagens que mostravam a destruição da igreja, a exumação das relíquias de St. Elian, martirizado no ano 285 pelos romanos, e a destruição do complexo histórico. O mosteiro, considerado como um dos centros católicos mais importantes da Síria, tinha sido aumentado, em várias fases, ao longo dos séculos.^[18]

Em outubro de 2015, foi publicado um vídeo que mostrava três assírios cristãos, detidos pelo EI em aldeias perto do rio Khabur em fevereiro, sendo submetidos à pena de morte. O vídeo da execução foi publicado num site jihadista. No vídeo, os três assírios cristãos aparecem de joelhos, vestidos com macacões laranja, numa área do deserto. Foram mortos com tiros no pescoço por três carrascos encapuzados. Antes de serem mortos, cada um se identificou repetindo o nome e a aldeia de origem. A execução aconteceu na manhã de 23 de Setembro, o dia em que os muçulmanos celebram o Eid al-A-dha (a festa do sacrifício).^[19]

Em dezembro de 2015, o presidente Bashar al-Assad visitou a

paróquia melquita de Nossa Senhora de Damasco, no distrito damasceno de al-Qussur, com a sua mulher, Asma. A área, situada a poucos quilômetros do distrito de al-Jobar, está nas mãos das milícias rebeldes e é regularmente atacada por granadas e mísseis lançados por forças contra o regime.^[20]

Em dezembro de 2015, duas aldeias cristãs foram bombardeadas por jihadistas. Pelo menos dois civis foram mortos e outros vinte ficaram feridos por granadas lançadas por combatentes jihadistas anti-regime contra as aldeias de Maharda e Sqelbyia, na província de Hama. As duas aldeias, na época controladas pelo exército do Governo, são habitadas por cristãos ortodoxos. Segundo relatos de fontes locais à agência de notícia curda Ara, os bombardeamentos atingiram os bairros residenciais, espalhando pânico entre a população local, que estava se preparando para a sua celebração da época festiva.^[21]

Também em dezembro de 2015, o Arcebispo Maronita Samir Nassar, de Damasco, anunciou a inauguração de uma nova igreja maronita na capital. A igreja, no distrito de Kachkoul, nos arredores, a leste de Damasco, é dedicada aos Irmãos Beatos Massabki, mártires de Damasco, que foram mortos em 1860.^[22]

Em janeiro de 2016, o Custódio da Terra Santa anunciou que o Padre Dhiya Azziz tinha sido libertado. Notícias contraditórias levaram as pessoas a crer que ele tinha sido levado por jihadistas filiados na Frente Al-Nusra, que administra o emirado no setor. O grupo negou qualquer envolvimento neste rapto e alegadamente liderou a investigação policial nas aldeias vizinhas que levou à sua libertação. O Padre Azziz teria sido raptado por outro grupo de jihadistas que queriam lucrar com seu rapto. Na região, há diversos grupos que atuam com diferentes interesses. O Padre Azziz foi supostamente bem tratado durante o período em que esteve raptado.^[23]

Em janeiro de 2016, o EI reivindicou a responsabilidade pelos bombardeios, perto de um importante santuário xiita fora da capital síria de Damasco, que mataram pelo menos sessenta pessoas, incluindo vinte e cinco combatentes xiitas. Numa declaração que circulou nas redes sociais, o grupo militante disse que dois dos seus membros tinham detonado bombas suicidas perto do santuário de Sayyida Zeinab. A mídia síria relatou anteriormente que quarenta e cinco pessoas tinham sido mortas e 110 feridas nos ataques, que disse terem envolvido um carro bomba e dois homens-bomba. O santuário de Sayyida Zeinab é um destino de peregrinação significativo para os muçulmanos xiitas.^[24]

[14] <http://www.acnuk.org/news.php/567/syria-jesuit-priest-abducted/326>

[15] <http://www.news.va/en/news/asiasyria-jihadist-militants-of-al-nusra-front-mas>

[16] http://www.uscirf.gov/sites/default/files/USCIRF_AR_2016_Tier1_2_Syria.pdf

[17] http://fides.org/en/news/38203-ASIA_SYRIA_Archbishop_Antiba_confirms_the_kidnapping_of_Father_Antoine_Boutros_and_his_collaborator#.V0x90fmLSM8

[18] <http://www.news.va/en/news/iconoclastic-ferocity-syrian-catholic-monastery-de>

[19] http://fides.org/en/news/58534-ASIA_SYRIA_The_jihadists_release_the_video_of_the_execution_of_three_Assyrian_hostages#.V0x7qvmLSM8

[20] http://fides.org/en/news/59058-ASIA_SYRIA_President_Assad_s_visit_to_a_Catholic_church_on_the_outskirts_of_Damascus#.V0x46_mLSM8

[21] http://fides.org/en/news/59076-ASIA_SYRIA_Two_Christian_villages_bombarded_by_jihadists#.V0x4YPmLSM8

[22] http://fides.org/en/news/59071-ASIA_SYRIA_New_church_among_the_ruins_in_Damascus_a_Christmas_of_Resurrection#.V0x30fmLSM8

[23] http://www.custodia.org/default.asp?id=779&id_n=28930

[24] <http://english.alarabiya.net/en/News/middle-east/2016/01/31/Several-killed-in-blasts-near-Syria-Shiite-shrine.html>

Em abril de 2016, o Patriarca Ortodoxo Sírio Ignatius Ephrem II disse que cerca de vinte e um cristãos em Qaryatayn foram assassinados. Quase 300 cristãos permaneceram na cidade depois de o EI ter tomado em agosto de 2015. O patriarca disse que alguns tinham morrido enquanto tentavam escapar e outros foram mortos por infringirem os termos dos seus “contratos dhimmi”, que requerem que eles se submetam a certos princípios da lei islâmica.^[25] No início de abril, forças sírias e os seus aliados retomaram a cidade de Qaryatayn do EI.^[26] O Padre Jihad Yousef, da ordem sírio-católica de Mar Musa, disse à ACN: “Os residentes que fugiram, tanto cristãos como muçulmanos, têm medo. Temem que o EI possa voltar.” O Padre Yousef disse que é pouco provável que a vida volte a normalidade em breve.^[27]

Em abril de 2016, uma cidade predominantemente cristã foi bombardeada por milícias rebeldes islâmicas. Os grupos ligados à Frente Al-Nusra lançaram um ataque com morteiros sobre a cidade predominantemente cristã de Sqelbiya, na província central de Hama, no domingo 24 de abril, matando pelo menos quatro civis.^[28]

Em abril de 2016, as áreas cristãs de Aleppo dominadas pelo Governo foram atacadas pelo lado rebelde da cidade com foguetes e morteiros, causando inúmeras vítimas.^[29]

Em maio de 2016, o Observatório Sírio de Direitos Humanos, sediado no Reino Unido, disse que os insurgentes mataram pelo menos dezenove civis depois de tomarem uma aldeia alauíta sob controle do Governo na zona oeste da Síria, mas os insurgentes negaram que tivessem atacado civis. Residentes da aldeia de al-Zara entrevistados pela mídia síria disseram que os rebeldes tinham matado mulheres, crianças e o gado. Dezenas de pessoas ainda estão desaparecidas, acredita-se que tenham sido raptadas da aldeia, que fica próxima de uma rodovia principal que liga as cidades ocidentais de Homs e Hama. O Observatório disse que os agressores incluíam o grupo rebelde islamita Ahrar al-Sham e a Frente Al-Nusra. Um porta-voz da Ahrar al-Sham disse: “Os civis não foram atacados. Pelo contrário, as facções fizeram grandes esforços para poupar os civis e lidar com os presos de forma humana.” O Observatório citou fontes dizendo que os dezenove mortos, que incluíam seis mulheres, eram famílias de combatentes leais ao presidente Bashar al-Assad e que foram mortos quando os rebeldes invadiram as casas durante o ataque a al-Zara.^[30]

Também em maio de 2016, um ataque terrorista realizado num distrito de Qamishli, habitado majoritariamente por

cristãos, matou pelo menos três pessoas e provocou um número indeterminado de feridos. De acordo com o que alguns sobreviventes contam, pelos menos três atiradores tinham espingardas e jogaram bombas para a rua. A mídia oficial do Governo atribuiu o ataque a grupos jihadistas como o EI, mas fontes locais independentes apontam para recentes tensões na área de Qamishli que levaram a confrontos armados entre forças governamentais e milícias curdas, que pretendem controlar a área. Na mesma área de Qamishli, em 20 de dezembro de 2015, ataques contra dois restaurantes pertencentes a cristãos mataram treze cristãos e seis muçulmanos. Outro ataque na área, em 24 de janeiro de 2016, matou três pessoas e feriu dez.^[31]

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

Em geral, numa situação de guerra sectária, não é sempre claro se as infrações à liberdade religiosa de indivíduos e grupos são únicas ou em sua maioria motivadas pelo ódio do agressor a uma religião específica. As linhas divisórias étnico-religiosas existem há séculos. As motivações políticas podem ser tão importantes quanto as religiosas. Em sua maioria, elas andam juntas, como acontece também com a religião e afiliação política na maior parte dos casos.

Há dois grandes grupos que cometem atos contra a liberdade religiosa na Síria. Em primeiro lugar: o Governo de Assad e os seus aliados militares, como por exemplo as milícias xiitas do Hezbollah do Líbano ou voluntários xiitas do Iraque e do Irã. Eles combatem juntos o que consideram uma ameaça terrorista e uma insurgência jihadista sunita contra o Governo e o Estado sírio. Há relatos de que atacam intencionalmente áreas povoadas por sunitas.

Em segundo lugar, os atores não estatais, que de fato estabeleceram zonas de controle de tipo estatal. Eles têm que ser divididos em milícias jihadistas sunitas, incluindo o EI ou a Al-Nusra. As milícias da chamada oposição moderada são em muitos casos também guiadas pela ideologia sunita ou procuram uma visão religiosa para o futuro do país, habitualmente menos extremista do que a do EI ou da Al-Nusra. É frequente cooperarem taticamente com grupos jihadistas. O EI e a Al-Nusra cometeram atos graves contra a liberdade religiosa de cristãos, drusos e sunitas nas áreas que controlam. E também atacam xiitas e alauítas através de ataques terroristas.

O outro grupo é em sua maioria constituído por milícias curdas no norte da Síria. Controlam áreas como a região do rio Khabur, no norte da Síria, que é habitada por cristãos. Há relatos de combates entre milícias curdas e cristãos motivados pela política curda de estabelecer o controle total das suas áreas.

[25] <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-36011663>

[26] <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-35957942>

[27] <http://www.acnuk.org/news.php/639/syria-the-people-are-afraid-that-EI-will-return>

[28] <http://www.news.va/en/news/asiasyria-a-predominantly-christian-city-bombed-by>

[29] Notícias AIS publicadas em: <http://www.catholicherald.co.uk/news/2016/05/05/priest-in-aleppo-never-has-the-war-been-as-terrible-as-it-is-now/>

[30] <http://uk.reuters.com/article/uk-mideast-crisis-syria-village-idUKKCN0Y41MJ>

[31] <http://www.news.va/en/news/asiasyria-yet-another-attack-with-three-victims-in>

À medida que o conflito entra no seu sexto ano e que não há solução política à vista, a questão humanitária e a situação da liberdade religiosa não vão melhorar tão cedo. Dadas as atrocidades cometidas por todas as partes, pode ser difícil juntar novamente os grupos para que vivam lado a lado quando pararem os combates.